

O Visitante do Professor Clovis



- ROGÉRIO CERICATTO -

O Visitante do Professor Clovis

— ROGÉRIO CERICATTO —

*Dedico este livro aos Prudentes que não engolem tudo o que
chega-lhes aos ouvidos, mas sábios questionam e
indagam sobre a verdade das palavras
e a comprovação delas nas Escrituras Sagradas.*

*“Tu viestes aqui, deixaste tua glória e sofreu pra que eu pudesse ser feliz.
Foi julgado e condenado, humilhado, maltratado. Tudo isso inocente,
Um Cordeiro Imaculado, que nunca cometeu um pecado sequer, Jesus de Nazaré.”*

Naassom André

1m

Clovis sempre teve curiosidade. Mas quem não teve?

As pessoas comuns não comentam sobre seus medos e suas suposições. Preferem manter seus pensamentos para si mesmos achando assim que as respostas virão como os ventos, calmas e tranqüilas. Mas com ele era diferente. Ele não queria ficar só nas perguntas sem respostas. Ele queria mais que isso queria saber a verdade.

Adiantava alguma coisa ele ficar só filosofando e montando suposições sobre isso? Até quando ele iria achar que estava no caminho certo? Enquanto ele não saciasse esta sua curiosidade não teria paz no coração.

Tudo bem, tudo bem, ele sabia que estava errando em pensar assim. Mas por mais errado que fosse, tinha que ver com seus próprios olhos. Só assim ele teria fé. Só assim teria como comprovar o que tudo não era uma farsa, apenas uma mentira ou mais um folclore.

Já conhecia muito bem todas as religiões existentes. Formado com louvor em Teologia e Filosofia, lecionava há dezessete anos em uma Universidade de renome internacional. Possuidor uma carreira sólida, respeitada e muitas vezes admirada.

Além de todo o trabalho que administrava, em sua vida pública e privada, ainda escrevia freqüentemente a vários jornais do estado.

Seus leitores variavam muito, de todas as etnias, de todos os credos e de todas as opiniões. Com certeza eles eram muito variados, mas concordavam entre si em uma coisa: Seu Trabalho.

Eles reconheciam o valor e a contribuição que o Professor Clovis Rochaeneck dava a população quase que em unanimidade.

Seus comentários, seus pensamentos e até suas suposições eram levadas tão a serio que muitos grupos de discussões e mesas de debates eram formadas para interpretar e melhor compreender seus escritos e suas palestras. Suas idéias eram postas em discussão, porém poucas vezes questionadas.

Mas o Professor Clovis, como era conhecido, não se achava tão valorizado assim. Em sua cabeça ainda existiam muitas dúvidas e muitas suposições que precisavam ser esclarecidas. Tudo o que ele procurava eram respostas. Ele não queria escrever um livro de pensamentos, nem tão pouco obter algum benefício. Não queria ser um herói nem deixar algum legado a alguém.

Queria apenas conhecê-lo, conversar, desafia-lo e questiona-lo.

Clovis achava-se no direito de conhecê-lo. Afinal o que ele poderia perder com isso? Quem ele poderia ofender? Quem iria se importar com isso?

Não estava violando nenhuma lei, estava apenas querendo saber a resposta. Depois, claro, como sempre, tudo iria voltar ao normal. A vida iria continuar, mas se ele conseguisse isso, com certeza seria mais feliz.



Doi2

Sua biblioteca era grande e espaçosa. Vários exemplares do mundo todo se encontravam ali. Uma grande mesa dividia a prateleira dos livros, o armário de cachimbos e sua escrivaninha.

No canto direito um sofá bem acolhedor se encaixava, como uma pintura, na decoração rústica e harmonizada do escritório.

Aquele escritório era o seu lugar preferido. Ele passava quase o dia todo lá.

Sua esposa Bethy volta e meia também passava por lá para trocar o bule de chá e deixar-lhe alguns biscoitos. Ela já havia desistido de pedir para ele sair.

Não gostava de vê-lo sempre com um livro nas mãos. Achava que um dia ele acabaria enlouquecendo.

Certa vez, após deixar um novo bule, ficou ali, parada diante dele observando-o enquanto ele continuava a ler. Ficou por meia hora e mesmo assim ele não levantou os olhos para lhe saudar, como se nem notasse sua presença. Até pensou que ele não a havia visto. No fim, achava que estava enlouquecendo também.

Clovis era assim. Seus cabelos grisalhos e sua barba sempre por fazer, seu rosto sério, seus olhos compenetrados, seus ombros caídos e seus longos dedos manuseando as folhas do livro lentamente, à medida que terminava de ler cada página. Olhando bem, ele também era como uma pintura naquele escritório rústico e bem organizado.

Mesmo depois de completar bodas de prata ela ainda não conseguia decifrá-lo, e talvez nunca conseguiria fazer isso.

Quando ele acabava de ler um livro, parece que é outra pessoa. Fecha a porta do escritório e fica cheio de carinhos. Conserta os pequenos problemas da casa, leva-a para passear no bosque e até colhe flores para ela. Mas aí descobre um livro novo e pronto. Lá está ele enfurnado no escritório por dias a fim novamente.

Parece até que ele é movido à leitura. Quando encontra um livro novo, ele simplesmente devora-o.

Bethy, no fim sorri. Clovis é muito carinhoso com os netos e com ela também. Quem dera se ele fosse apenas carinhoso, e que ficasse o dia todo bajulando ela. Mas não adianta reclamar. Aliás, reclamar para quê?

Suas amigas vivem reclamando de seus maridos, Clovis nunca lhe deu nenhuma preocupação. Desde que se conheceram, ele sempre foi o marido perfeito.

Tr3s

Ela suspira ao lembrar-se de quando o conheceu. Aquele garoto tímido e acanhado. Se não fosse por ela, eles nunca namorariam.

Até no dia do noivado. Se não fosse ela, jamais teriam casado.

Clóvis havia combinado de comunicar o noivado para os pais de Bethy e para os amigos. A casa estava cheia, todos bebendo e esperando o grande momento. Porém Clovis não falava nada.

Quando já passava da meia noite, Bethy não agüentou mais e falou:

— Eu acho que vou dormir, pois não vai sair casamento nenhum! Já passa da meia noite e o Clovis não diz por que veio aqui! – Ela então se dirigiu ao pai e falou: — Pai, o Clovis veio aqui me pedir em casamento, mas acho que não vamos mais ter casamento, pois ele não comunica nunca!

Hoje ainda ela pode lembrar das gargalhadas que contagiou os visitantes.

Bem, este era o seu Clovis, que já a trinta e sete anos lhe fazia feliz. E lá estava ele novamente com um livro nas mãos. O mundo podia desabar lá fora, ele não iria sair do escritório enquanto não terminasse a leitura.



Qu4tro

Clovis continuava sua leitura, mas sabia que em breve ele viria.

Não sabia ao certo como dizer, nem como sabia disso, porém sentia que em breve ele viria.

Já havia usado todos os truques que ele conhecia para conseguir contato. Tudo foi em vão e no fim ele continuava sem resposta. Porém ultimamente ele sabia, como que sentindo no ar, que ele estava chegando. Sentia que suas perguntas estavam prestes a serem respondidas. Podia sentir sinais sutis através dos dias que vinha passando. Sim ele estava próximo.

Sabia ainda que ele só viria à noite, e à meia-noite. Desde então quando o relógio da parede marcava meia-noite, seu coração batia mais apressadamente.

Sentado onde estava agora, no silêncio de escritório e olhando para a prateleira cheia de livros, ficava imaginando como seria sua vida se ele vivesse no tempo dos antigos Druidas, pois eles costumavam chamar à meia-noite de “a hora das trevas”. Clovis sorria ouvindo o tic-tac do relógio da parede, quanta diferença de hoje. Meia-noite não passa de simplesmente: meia-noite. Os Druidas eram realmente cheios de superstições, e o tempo se encarregou de acabar com todas elas.

5inco

E aconteceu como Clovis imaginava.
À meia-noite ele chegou.



Sei6

Clovis o recebeu em seu escritório.

A noite estava fria. Da janela do escritório podia se ver ainda alguns carros andando pelas ruas da pequena cidade. Uma leve chuva começava a molhar o asfalto e dificultava a visão dos motoristas.

Aos poucos a chuva começou a ficar mais forte e os poucos pedestres que ainda insistiam em caminhar pelas calçadas, apressadamente procuraram um lugar para se protegerem.

Clovis já estava vestindo do seu pijama de dormir. Estava um pouco tenso, levantou-se e foi até a prateleira escolher um dos cachimbos para fumar.

Lá havia vários tipos para várias ocasiões. Ele pegou um que ele considerava muito bom para sentir o aroma do fumo e que também o ajudava a relaxar bastante.

Sentou-se novamente na sua poltrona e, pois-se a prepará-lo.

Seu visitante era um homem com muito boa aparência, e estava bem vestido também. Usando um terno muito bem assentado, sapatos lustrados e um lenço saindo-lhe na lapela do terno. Estava segurando uma bengala rica em detalhes. E confortavelmente sentou-se a uma cadeira. Um perfeito cavalheiro.

Clovis deu uma rápida olhada para ele e notou seu sorriso.

— Então você veio mesmo? – perguntou por fim.

— Você não me esperava? – respondeu seu visitante ainda sorrindo.

Se7e

— Confesso que esperava outra pessoa. — disse Clovis pondo o cachimbo, agora aceso, na boca.

— Achou que eu chegaria aqui soltando fogo pelas narinas? Que teria cascos ao invés de pés?

Clovis sorriu.

8ito

— Quando recebeu meu recado? – perguntou Clovis pitando o cachimbo e exalando aos poucos um aroma de fumo no escritório.

— Desde de o primeiro dia.

— E porque só veio agora?

Seu visitante sorriu.

— Tinha assuntos a resolver antes.

Clovis olhou para os livros na prateleira e após olhou novamente para o visitante.

— Aceita um cachimbo? Um charuto?

— Não. Obrigado.

— Alguma bebida?

N9ve

— Bem, - começou Clovis — Sabe por que eu queria que viesse, não é?
— Sei. - sorriu o visitante — Aliás, é o motivo porque todos me chamam.

A chuva fria começou a ficar mais forte.

— Você pode me ajudar a encaixar todo o quebra cabeças?

— Acredito que sim. Se eu não puder, ninguém pode.

Clovis sorriu.

— Você sabe muito bem o que eu conheço, não é? Sabe até onde vai a minha inteligência, não é?

— E por acaso não acompanhei todos os dias?

— Não sei, acompanhou?

— Todos os dias.

— Bem, então já deve ter traçado alguma artimanha para me derrotar, não é?

— Você pensa assim?

— E não é verdade?

— Confesso que é uma tática tentadora, mas não foi esta idéia que segui.

Houve um silêncio por um momento. Os dois ficaram se olhando nos olhos.

— Porque você quis ser como ele? – finalmente disse Clovis.

— Ganância.

— Já não era suficiente o que você possuía? Já não estava contente com tudo o que tinha?

— Acha que tudo isso durou apenas um dia? Foram milhares de anos antes de tudo acontecer.

— Bem, mas aconteceu.

— Eu sei, nada muda isso.

— Mas por que?

— Dentro de mim surgiu o mesmo sentimento que surge nos homens comuns. Ninguém está contente com o que tem, sempre busca mais, sempre quer mais, sempre está correndo atrás de algo. E assim aconteceu comigo também. Acha que era apenas para meu conforto? Acha que os homens são gananciosos apenas para conforto próprio? Não, mas para suprir uma inesgotável vontade de se destacar. Destacar-se no meio do rebanho.

— Nem todos os homens são assim.

— Nem todos eu sei, mas a grande maioria é. A grande maioria busca estar sempre melhor que o vizinho. Não se contenta em ver alguém na rua

passar com um carro novo, ele quer ter um também. Não se contenta ter dinheiro para sua comida, quer ter dinheiro até não poder mais.

— E você lhes dá isso?

Seu visitante ficou em silêncio por uns segundos, por fim falou.

— Com que roupas você veio ao mundo?

— Vim nu, como todos os homens. – respondeu Clovis.

— E com que dinheiro vai embora?

— Nenhum. Nada levo desta vida.

— Ai está! Mas, no entanto sempre quer ter mais, vê uma pessoa rica e quer ser como ela? Não é?

— Acho que não...

— Ah, não precisa ser humilde, precisamos de humildade nesta conversa? Precisamos disso hoje?

— Bem, não...

— Me diga uma coisa: Por que ter uma Ferrari, ou algum carro importado sendo que um nacional já é suficiente para te levar para todos os lugares? Por que usar roupas mais caras que o seu salário? Por que fazer plástica para mudar o rosto ou esconder algumas marcas do tempo? Ganância! Simples e pura Ganância! Você precisa alimentar seu Ego! Os homens vivem pela carne, e a carne é a Ganância e a Ganância é o Ego!

Clovis sorriu.

— Eu sei, - continuou o visitante — Não é apenas no Ego que acaba tudo, ele vem com o Poder, o Status, o Reconhecimento, o Sucesso... Mas onde nasce tudo isso? Na necessidade de suprir o Ego, no amor próprio.

— E pelo Ego você achou que seria como ele? Achou que seria como Deus? – perguntou Clovis.

— Pelo Ego.

— E o que perdeu com isso?

— Tudo.

— E é assim com os homens também?

— Não tem como mudar esta fórmula. As leis Dele não podem ser mudadas. O que Ele diz, só muda, se Ele dizer outra coisa.

— Ou seja, é ou é?

— Estas são as regras!

— E você não sabia disso antes de optar pelo caminho que optou?

— Sabia.

— Mesmo assim optou por escolher o caminho errado?

— Acha que me perdôo por isso?

Clovis tirou o cachimbo da boca e segurando-o seguiu até a janela de onde ficou olhando as ruas molhadas pela chuva que ainda continuavam a cair.

— E desde então, seguiu pelo mundo para atormentar os homens? Para fazê-los sofrer? – perguntou ele ainda olhando a rua.

— Não.

Clovis se virou para o visitante.

— Não é isso?

— Não. Desde então mostro aos homens a melhor forma de idolatram seus próprios Egos.

— Para que assim eles deixem de buscar Deus?

— Para que assim eles cometam o mesmo erro que eu cometi.

— E tenham o mesmo fim. – concluir Clovis.

— E tenham o mesmo fim. – repetiu o visitante sorrindo.

10z

— E os homens realmente têm dado ouvidos a você? – inquiriu Clovis.
— A grande maioria. – respondeu ele.
— A grande maioria? E o restante?
— O restante sempre é uma pedra no meu sapato. Eles vão pelos caminhos tentando acordar os outros e levar a palavra como se fossem pragas e insetos.

— A palavra de Deus?
— Sim. E cada vez que eles avançam, eu vou tendo que apressar os meus planos.

— Por que? Um fim eminente está próximo?
O visitante olhou para a prateleira de livros de Clovis.

— O que estes livros lhe dizem? – perguntou ele.

— Depende de que livro.

— Boa resposta... O que você acredita? Em que deposita sua fé?

— Não sei. Em muitas coisas, por acaso você não sabe disso?

O visitante sorriu.

As luzes apagaram, um clarão apareceu na janela e em seguida o som de um trovão.

Eles ficaram no escuro.

Clovis ouviu um estalar de dedos e a biblioteca se iluminar novamente. Olhou pela janela e a quilômetros de distância pode ver que não havia energia. Nem em sua casa havia, só o escritório estava iluminado.

— Belo truque. – disse ele.

— Isso não é nada.

Clovis sentou-se novamente.

Houve um silêncio.

— O que eu irei ganhar? – perguntou por fim Clovis.

— Tudo o que quiser.

— E o que acontecerá no fim.

— Que fim?

— Ora, na Bíblia diz que haverá um fim. Jesus irá voltar e ele irá julgar todos, os vivos e os mortos.

— E daí?

— O que irei dizer para ele?

— O que acha que eu irei dizer?

— Ora, você já foi julgado. Não há uma segunda condenação para você.

— Mas estarei lá.

— Então é verdade.

- Pura e imaculada.
- E os outros?
- Que outros? Buda? Krishna? Seicho-no-Iê? Allah? Brahma? Maomé? Xamismo? Esoterismo? Ocultismo? E todo o resto?
- Sim.
- Ora, você sabe. Você já estudou tudo isso, todas as religiões possuem o Certo e o Errado, o Céu e o Inferno, o Bem e o Mal. No fim é tudo a mesma coisa, todos iremos estar diante Dele. Cada um acredita no seu profeta e no seu Cristo.
- Mas nenhuma destas religiões fala tão francamente sobre você do que a Bíblia.
- Nenhum foi tão inspirado como ela.
- Como assim? Ah, já sei, você diz inspirado pelo Espírito Santo.
- Chame-o como quiser.
- Mas então a Bíblia é a verdade?
- Você acredita nisso?
- Tudo indica que sim.
- Mas se você falar com um Budista ele irá dizer que Buda é a verdade. E eu irei perguntar para ele: Você acredita nisso? E ele irá responder: Tudo indica que sim. É tudo a mesma coisa.
- Mas então... Agora você diz que eu estou errado?
- Estou dizendo que a fé que você tem é quem irá lhe conduzir para aquilo que acha verdade. Por exemplo, este cachimbo em sua boca. Quem disse que ele está na sua boca?
- Ora, ele está porque eu posso sentir ele.
- Mesmo?
- O visitante mostrou-lhe sua mão esquerda, e nela estava agora o cachimbo que antes estava na boca de Clovis.
- Clovis levou a mão à boca e agora tinha uma caneta. Tirou-a e novamente era o cachimbo.
- Muito engraçado! – falou com deboche.
- Porque?
- O cachimbo vira caneta e depois vira cachimbo novamente...
- Não. O cachimbo ficou onde estava o tempo todo. Você apenas acreditou que era uma caneta. É a mesma coisa com a sua fé. Você acredita tanto que começa a imaginar que é o que realmente parece ser. E acaba vendo o que quer.
- Como assim?
- Ora, você não deixou de ter o cachimbo na boca, quando você o viu na minha mão pensou que eu havia feito uma brincadeira com você, mas não.

Continuou sendo o que era e você achou que estava com outra coisa que não fosse cachimbo na boca, e a primeira coisa que pensou foi em uma caneta.

— Então está me dizendo que a minha fé, ou seja, as coisas que eu vejo e acredito, só estão onde estão porque eu assim determinei no meu pensamento.

— Exatamente. Como num sonho. Sabe, quando você está sonhando tudo é mais fácil, por exemplo: você sonha que está andando em uma rua comum com várias pessoas comuns passando por você. De repente você se vê e nota que está nu. Na verdade você não está nu, você apenas está dizendo para o seu cérebro que está, e, seus olhos começam a ver que você realmente está.

— Isso é loucura!

— Não isto é fé. “O firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem”. Você crê que algo já está lá antes de ele estar. E quando você ver, ele realmente está lá. Não porque estava, mas porque você teve fé que ele estava.

— Então eu posso tudo!

— Desde que você tenha fé.

O silêncio novamente se instalou no escritório.

11nze

- E se eu não quiser? – perguntou Clovis.
- Tudo continuará como está.
- E se eu me arrepender?
- Eu me arrependi, mas não teve volta.
- ...ou seja, eu não terei também.
- O visitante deu de ombros e sorriu.
- ...e no fim eu estarei diante de Deus e não terei argumento algum. – concluiu Clovis.
- Bem, não estou lhe forçando, a escolha é sua. Você é quem decide o que quer. O livre arbítrio é uma coisa maravilhosa, pois é a única vez em que nem eu nem Deus podemos interferir na vontade humana. É tão lindo. Sabe, é a maior arma que existe no universo!
- E se eu não optar por nenhum?
- Será ponto para mim.
- Como? Eu não fiz nenhuma escolha, não optei por nada, como pode ser ponto para você?
- Apocalipse 3:16... eu poderia citá-lo, mas você não irá acreditar em mim. Portanto, leia você mesmo.
- Clovis levantou-se e pegou a Bíblia que tinha na prateleira. Abriu no capítulo que o visitante havia falado.
- Diz assim: “*Assim, porque és morno, não és quente nem frio, vomitar-te-ei da minha boca.*”
- Ou seja, Se você disser sim, você será dele. Se você disser não, será meu, e se não se decidir, será meu também. Dois a um para mim.
- Isso é ridículo! Por que Deus iria dizer uma coisa destas?
- Desespero. Ele não quer nem os frios nem os mornos.
- Desespero? Ele é Deus! Ele pode tudo!
- E eu aqui?
- Por que ele te daria dois pontos assim de bandeja?
- O visitante deu de ombros novamente.
- Clovis sentou-se no sofá. Ficou pensando por uns segundos.
- Talvez para que nós aprendêssemos que não é assim tão fácil como imaginamos... Ele diz que somos mornos, ora, será que ele quer que vejamos o quão fácil é enganarmos? E o quão difícil é lhe acharmos?
- Eu não digo nada.
- Sim... só pode ser isso! Deus aqui diz que é muito fácil darmos ouvidos às coisas mundanas e que é mais difícil do que parece optar por ele.
- As luzes voltaram. Clovis pode ver pela janela.

— Você realmente é muito esperto! Você matou a charada rápido. É difícil optar por ele sim.

— Ora, por que?

— O Ego. O nosso amigo Ego novamente.

— O Ego irá interferir na minha escolha? Ele não deixará eu optar pelo caminho certo?

— Você gosta de ser ridicularizado? Você gosta que os outros lhe chamem de “Crente” ou de “Fanático”? Você está disposto a pagar o preço em ser ridicularizado pelas ruas ouvindo: “Lá vai o crentinho!” “Lá vai o irmão!”?

— Bem, não. Não sou e nem gosto de Crentes.

— É o seu Ego, o seu Orgulho Próprio e o seu desejo de ser mais do que um simples Crente analfabeto. Ele faz de você uma pessoa assim. Que usa o cérebro...

— Espera aí! Mas você também é responsável por isso. Não é você que coloca nas nossas cabeças este pensamento? Estas brincadeiras? Que os Crentes são burros? Que cheiram à naftalina?

— Estamos numa guerra, tenho que lutar com todas as armas que tenho. Não posso perder soldados.

— Ou seja, você não entra e não deixa ninguém entrar.

— Você não entende isso. Pouco me importo com os homens. Pouco me importo com suas vidas, que ele façam com elas o que bem entendem. O que eu quero é apenas provar para Ele que o homem, como ele chama: a sua “Mais Bela Criação” não é digno de confiança. Que é tão falho como eu e que também almeja ser mais do que Ele é.

— Acho que você está errado, nem todos os homens pensam isso...

— Nem todos. Mas todo dia temos milhões de novos ignorantes!

12ze

— Pelo que me contou, não vejo muita vantagem em estar do seu lado.

— Você que pensa. Sabe qual é a minha função aqui?

— Na terra?

— Sim. Sabe o que sou aqui?

— O que?

Clovis viu seu visitante encher o peito para falar:

— Sou “O Príncipe deste Mundo”!

— Quem disse isso?

— São palavras do próprio Jesus. Ele me deu este reino para governar.

Então sou e faço o que eu quiser. Dou e tiro de quem bem entendo e danço sobre a vida de quem me der vontade.

Clovis ficou em silêncio apenas apreciando a forma como seu visitante expunha todos os seus atributos.

— E o ser humano?

— Vocês? Ora vocês são como vacas! Sem nós, vocês não conseguiriam nada mais do que os seus braços curtos podem alcançar.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que sem nossa ajuda, aliás, sem que eu permita, vocês não podem ter nada. Se eu não ordenar, nenhum soldado se move.

— Soldado? Você está querendo dizer Demônios?

— Chame-os como quiser. Eles me obedecem, pois sou o príncipe.

— E eles só atendem a você?

O visitante sorriu.

— E quantos são eles? – perguntou Clovis.

O visitante deu uma gargalhada.

— Vocês humanos não podem contar. São legiões infindáveis, vocês teriam que usar todos os números existentes.

13ze

As horas foram correndo. Clovis não sentia sono nem estava cansado. Ele ainda precisava saber muitas coisas do seu visitante e a conversa estava apenas começando. A chuva não deu trégua. Ainda caía lá fora. A temperatura começou a baixar.

Clovis fechou melhor seu roupão de dormir. Seu visitante notou que ele estava começando a sentir frio.

— Quer que eu esquente o escritório? – perguntou ele.

— Não precisa. – respondeu Clovis — Não precisa me mostrar seus truques.

Clovis pôs mais fumo no cachimbo.

Sentou-se novamente à sua poltrona. Colocou os pés sobre a mesa.

— E por que você precisa de mim? – perguntou enfim.

Seu visitante ficou em silêncio por uns segundos.

— Por causa da lei. – confessou enfim.

— Lei? Você não é o príncipe? Não é você quem dita as regras?

O visitante sorriu.

— Você é rápido, hem?

Clovis sentiu seu Ego ser massageado.

— Acontece que existe a Lei que rege os Mundos.

— Mundos?

— Vivemos em dois Mundos. Vocês homens não podem vir ao nosso Mundo, mas eu, como príncipe, posso tranquilamente estar nos dois.

— Que mundos são estes?

— O Mundo físico, ou natural. Este em que estamos, e, o Mundo Espiritual onde estão os meus soldados, e onde passo a maior parte do tempo.

Clovis ficou pensando um pouco.

— E onde eu entro nesta história?

— O Mundo Espiritual precisa do Mundo Físico assim como este precisa daquele. Eles fazem parte do Universo. Tudo o que você liga aqui neste Mundo, será ligado no Mundo Espiritual. Nenhuma ordem é dada, nenhum movimento é feito no Mundo Espiritual sem que seja ordenado pelo Mundo Físico. É algo complexo demais para a mente pobre de vocês homens. Vocês não podem entender a complexidade. Apenas entendam o que é necessário para que vocês possam nos ajudar. Vou lhe dar um exemplo para que você compreenda melhor as coisas: Suponhamos que você estacionou seu carro no pátio da Universidade. Entrou para dar aula e quando voltou, notou que o farol do carro está quebrado. Mas notou também que foi quebrado por alguém. Não foi um acidente, foi uma malvadeza. Então você se ira e diz baixo: “Queria que

o Marginal que fez isso morresse!” Pronto. É o que o Mundo Espiritual precisa para ir de encontro ao Marginal e fazer algo na vida dele. Apenas seguindo as suas ordens.

- Mas eu, talvez disse isso sem saber qual seria a consequência...
- E o que isso importa? Você disse!
- Então não posso mais dizer nada de errado?
- Aprenda uma coisa: Sua palavra tem poder!

14torze

— Ta então é isso que você quer de mim? Que eu seja um emissor de pragas e problemas para as pessoas?

— Não. Quero lhe dar tudo o que você sempre quis. Vamos fazer assim: Qual é o seu maior sonho? Se você pudesse escolher uma coisa na vida, qualquer coisa, o que você escolheria?

15nze

— Conhecimento.

— Conhecimento? Você gostaria de ser o homem mais sábio do mundo? É isso?

Clovis ficou pensando por um segundo e por fim afirmou:

— Você sabe.

O visitante sorriu.

— E se eu lhe disser que posso lhe dar isso? Que posso lhe transformar nesta pessoa? O que você gostaria de saber, eu conheço este mundo desde a fundação. Posso lhe falar de tudo desde antes dos dinossauros que já se foram até os seres que o homem ainda não viu. Então?

Clovis sorriu.

— E o que irá me cobrar me troca?

— Nada.

— E a história de Fausto*? Não diz a história que o “Diabo veio lhe cobrar a alma”?

— E não diz também o credo popular que tenho asas e chifres? Você viu algum chifre em mim? Está vendo alguma asa?

(*) “Dr. Fausto” de Wolfgang von **Goethe** Johann (1886). Peça teatral que narra a história de um velho conhecedor de Alquimia e pesquisador de Ciências Ocultas que faz um pacto com o Diabo em troca de juventude e dos prazeres da carne. No fim do livro o Diabo retorna para lhe cobrar a alma pelo pacto assinado entre os dois.

16eis

— E o que eu teria que fazer? Quais seriam as condições?

— Não há condições. – respondeu o visitante sorrindo. — Não há nada a ser cobrado. Você continuará vivendo sua vida como sempre viveu, porém só não poderá fazer uma coisa.

— Ou seja, então existe uma condição.

— Não, não é condição. Simplesmente você não poderá fazer uma coisa, quero lhe lembrar que se você fizer isso, eu vou tirar tudo o que lhe dei e até o que não lhe dei.

Clóvis tirou os óculos e colocou-os sobre a mesa. Olhou fixamente nos olhos do visitante.

— Então o que é? O que não posso fazer?

O visitante levantou-se, apoiou os braços sobre a escrivaninha de Clovis, olhou para a prateleira de livros e sorriu.

— Livros. A verdade sempre está nos livros...

— Vamos – inquiriu Clóvis — Me diga o que eu não posso fazer.

O visitante voltou-se para Clóvis. Em vez de um sorriso, seu rosto estava fechado e seus olhos pareciam labaredas de fogo.

— Você nunca, nunca poderá ser um Crente.

Clóvis gelou.

— Crente?

— Sim, você nunca poderá ser um Crente, você nunca poderá ser como eles! Esta escória de homens inúteis!

— Crentes?

Clóvis deu uma gargalhada.

Seu visitante também sorriu.

— Você sabe, - disse Clóvis sério — eu nunca serei um imbecil! Não precisava nem me pedir isso. Eu, por livre e espontânea vontade decidi isso para a minha vida. Acha que eu iria me rebaixar a tanto? Acha que eu seria um fanático idiota leitor da Bíblia?

O visitante continuou sorrindo.

— Isso mesmo. Sei que você é sábio suficiente para não ser como estes.

17zsete

Clovis encheu uma xícara com chá. Sorveu e notou que faltava um pouco de açúcar. Pegou o açucareiro e adoçou mais.

Seu visitante ainda se encontrava apoiado na escrivaninha.

Clovis mexeu no chá com uma pequena colher e ficou olhando o líquido que girava até a pressão diminuir e lentamente parar.

Lembrou-se de quanto era apenas um garoto. Estava sentado no quintal de casa, ao longe podia ouvir sua mãe cantarolando uma música antiga. Em suas mãos haviam duas pequenas bolas de gudi. Ouviu um cachorro latir e sua atenção voltou-se para o portão onde um casal e seu filho iam passando. Clóvis notou que eles estavam vestidos com roupas bonitas e bem alinhadas. Todos traziam em suas mãos um pequeno livro preto com um desenho de uma cruz na capa.

O filho do casal tinha a mesma idade de Clóvis, e, ficou olhando as bolas de gudi que ele tinha nas mãos. O casal passou e Clóvis foi até o portão tentando ver para onde eles estavam indo.

Clóvis ficou admirado ao ver o homem e a mulher de mãos dadas. Nunca tinha visto seu pai pegar na mão de sua mãe. O filho do casal também ia junto, mas ainda olhava para Clóvis. Eles continuavam seu caminho. Foi a cena mais bonita que Clóvis viu em sua vida. Parecia que havia paz com aquele casal, parecia que eles não tinham nenhuma preocupação, não havia nada de errado na vida deles, pareciam que eram realmente completos.

Os anos se passaram e Clóvis foi estudar Teologia. Queria saber o que havia por trás deste Jesus tão estranho.

Em sua primeira viagem à Jerusalém, Clóvis pensou que iria encontrar a mesma paz e tranquilidade que aquele casal irradiava, mas não foi isso que viu por lá. Encontrou uma cidade dividida. Muçulmanos, Católicos e Protestantes viviam em constante atrito e guerra. Naquela visita, ele descobriu que nunca mais em sua vida ele encontraria aquela sensação tão gostosa que ele sentiu ao ver aquele casal e seu filho.

Nunca mais iria sentir aquela sensação porque ela não existia. Apenas em sua cabeça ele ainda alimentava tudo aquilo.

Voltou a estudar Teologia, Ufologia, Mesologia, Astrologia, depois Filosofia, e por fim, procurou as respostas em religiões distantes e diferentes, mas novamente sem sucesso. Então se aprofundou nas religiões politeístas e procurou também o lado negro das mesmas. Até que finalmente, depois de tantos anos de estudo, ele recebeu o visitante que tanto esperava.

Novamente sorveu o chá.



18oito

— Então?

Clovis olhou nos olhos do visitante que estava sorrindo por um longo tempo. Enquanto se olhavam o silêncio era apenas quebrado pelo som do tic-tac do relógio. Clóvis estava diante de uma decisão que iria mudar sua vida para sempre. Respirou fundo e respondeu.

— Não!



19^{ve}

O sorriso do visitante se desfez.

— Como é?

— Eu disse: Não! – respondeu Clóvis.

— Não? Por que não? Você só deve estar brincando.

— Não. Eu não estou.

— Você esqueceu das vantagens que eu lhe dou?

— Não.

— Então? Se era para me dizer: Não. Por que me chamou? Por que me esperou por tanto tempo? Por que me fez perder tempo com você?

Clóvis sorriu.

— Você não disse que eu tinha o Livre-arbítrio? Que nem mesmo Deus podia interferir nele?

— E o que isso importa?

O visitante fitava os olhos de Clóvis.

— Isso? Isso é a única arma que eu tenho. E não foi preciso pensar muito para chegar a conclusão que eu cheguei. Qualquer pessoa poderia ter chegado à mesma conclusão que eu cheguei sem fazer nenhum esforço.

— Que conclusão?

20te

- Você não disse que acompanhou a minha vida desde quando nasci?
- Sim, e é verdade.
- Então, lembra-se daquele dia em que eu estava jogando bolinhas de gudi... e aquele casal de Crente passou em frente ao meu portão?
- Você tinha sete anos.
- Sete anos? Achei que tinha mais...
- Clovis se acomodou melhor na cadeira.
- Naquele dia – continuou ele – Eu descobri que havia algo muito mais valioso do que todo o resto do mundo.
- O que viu de tão especial naquele casal que eu não vi? – respondeu o visitante debochando.
- Clovis sorriu para ele.
- Vi algo que você nunca poderá me dar.

20e1

O visitante deu uma gargalhada e lhe gritou:

— Não há nada no mundo que eu não possa lhe dar!

Clóvis sorriu também, mas continuou falando num tom normal.

— Eu sei.

— Então?

— Você falou certo. Não há nada neste mundo que você não possa me dar, mas existe uma coisa que é mais valioso que o Conhecimento que eu tanto quero. Que transcende este mundo e que por fim, está além do seu alcance.

O visitante ficou sério. Ergueu uma das sobancelhas e questionou.

— E o que é?

Clovis se levantou. Caminhou até a janela e olhou para a chuva que ainda caía lá fora. Ao longe ele pode ver uns trovões. Ficou olhando para uma árvore e sobre o reflexo de um trovão pode ver um ninho de passarinho. Estava lá, quase oculto, mas por um relance ele pode ver.

Fitou os olhos no ninho e então viu um pássaro pousar sobre ele. Todo molhado. A chuva estava forte, mas ele continuava lá calmo e protegendo o ninho.

Possivelmente uma mãe que estava protegendo seus filhotes da forte chuva. Clóvis já havia estudado sobre estes pássaros que mesmo diante desta atrocidade, deste temporal que estava caindo, mantinham-se fiéis e não abandonavam os ninhos e nem tão pouco os filhotes.

Clovis começou a falar ainda olhando para o ninho.

— Naquele dia eu corri para o portão e fiquei olhando para aquele casal. Fiquei olhando para ver onde eles estavam indo. Havia algo de estranho com aquele casal. Eles irradiavam uma sensação que eu nunca havia sentido antes. Eu pensei que talvez fosse por causa daquele livro de capa preta que eles carregavam sob o braço. Não me lembro muito bem o que estava pensando, só lembro que pude sentir algo que em minha casa eu nunca havia sentido. Muito mais do que simplesmente paz e alegria, aquele casal exalava uma harmonia que nenhum dinheiro do mundo poderia comprar, aquele casal se amava, e o Amor era tão grande que eles deixavam escapar para as pessoas que estavam ao seu lado. Aquela sensação que eles sentiam, eu também pude sentir ao vê-los, eu pude ver que ali havia verdadeiramente: Amor.

— Bah, Amor? – resmungou o visitante — Amor não existe! Amor é um sentimento que você cria e mata quando quiser! Aliás, o Amor é o sentimento mais frágil que existe. Ele é como um cristal, você sabe, se cair no chão, nunca mais será igual.



— Eu também pensava assim. – respondeu Clóvis — Você sabe que eu pensava assim, mas há poucos minutos você disse uma coisa que me fez encaixar todo o quebra-cabeça. Você disse uma coisa que me fez compreender outra que até então me passava batida. Uma coisa que esteve sempre no mesmo lugar, mas que eu nunca havia visto.

— Você está falando do Amor?

— Sim, mas não deste Amor que você está pensando.

— E que Amor é este?

— Você sabe. Você estava lá.

— Onde?

— Quando você blasfemou dele!

Clovis voltou-se para o visitante que estava com um rosto fechado.

— Você, sem saber deixou escapar a última peça do quebra cabeças que eu tanto procurei.

— Do que você está falando?

Clovis sorriu.

— De Jesus Cristo.

20e2

Clovis ficou olhando os olhos do visitante. Eles realmente eram assustadores. Clóvis sentou-se novamente e pegou o cachimbo. Preparou-o e começou a pitar.

— Vou lhe contar tudo, para que você não tenha nenhuma dúvida. — começou Clóvis entre uma nuvem de fumaça do cachimbo. — Foi tudo uma simples questão de lógica. Aliás, agora que consegui fechar tudo, é fácil de ser vista por qualquer um, se bem que você precisa muito mais de Amor do que lógica para concluir tudo. Até mesmo aquele passarinho que está protegendo seus filhotes da chuva, ali naquela árvore, me serviu de combustível para formalizar e solucionar tudo.

— Como?

— Bem, vou começar do princípio. Vou começar daquele dia. O dia em que você achou que tinha vencido Jesus.

A fisionomia do visitante era séria, mas Clóvis continuou mesmo assim.

— Que horas eram? Três? — perguntou Clóvis.

— Meio-dia. — respondeu o visitante.

— Meio-dia? E lá estava ele. Naquela cruz sob o sol escaldante do meio-dia, se eu não me engano, meio-dia é muito quente lá pelos lados de Jerusalém não é?

— Em torno de 36°. Você não se lembra?

— 36°? Bem, é quente. Naqueles dias em que eu estava lá, não imaginava que fosse 36°. Mas continuando, lá estava ele sob o sol de 36° graus. Com dois cravos nos pulso, não é isso?

O visitante concordou com a cabeça.

— Vamos falar primeiro através da ótica médica, a medicina que estudei não é das melhores, mas acho que dá para quebrar o galho. Então vocês suspenderam o corpo de Jesus e ele ficou dependurado somente pelos braços, não é isso? E quando ele estava dependurado, pregaram-lhe os pés. Nada do que vemos em peças de Teatro. Naquela época a forma de pregar se consistia em elevar os condenado pelos braços e depois pregar os pés, não é isso? Estou errado?

— Não, você está certo. — respondeu o visitante.

— Então, - continuou Clóvis — Jesus estava lá. Pregado pelos braços e agora com um cravo prendendo os pés. O sangue começa a correr. As pontas cortantes da grande coroa de espinhos penetram no crânio. A cabeça de Jesus inclina-se para frente, uma vez que o diâmetro da coroa o impede de apoiar-se na madeira, correto? Cada vez que ele tenta levantar a cabeça as pontadas

agudas de dor dos espinhos recomeçam. Não é isso? Corrija-me se estiver errado.

— Até aqui você está certo.

— Então, sob o sol escaldante, com a garganta seca, ele tem sede e um soldado lhe dá uma bebida ácida, talvez algum tipo de vinagre ou vinho. Não sei ao certo, mas deve ser algo de uso entre os soldados da época, possivelmente para amenizar dor, ou algo realmente azedo a ponto de amenizar um pouco o sofrimento. Bem, não vem ao caso agora. Mas então os músculos dos braços já cansados se enrijecem e vão ficando mais fracos. Os músculos do corpo começam a se enrijecer, e começam a ficar fracos também, primeiro os braços, depois as costelas, as pernas, os do pescoço e por fim os respiratórios. A respiração começa a ficar mais curta e pesada. O ar entra, mas não consegue sair por falta de força dos músculos. E tudo isso sob o sol escaldante e diante da população que lhe maldiz, não é? Bem, Jesus respira com dificuldade, como se fosse um asmático em plena crise. Seu rosto pálido pouco a pouco se torna vermelho, e depois se transforma num violeta purpúreo e enfim cianítico. Jesus então é envolvido pela asfixia. Mas o que acontece então?

Clovis pode ver seu visitante sorrindo como se estivesse vendo a cena.

— Lentamente com um esforço sobre-humano, Jesus toma um ponto de apoio sobre o prego dos pés e eleva o corpo, os músculos do tórax se distendem, a respiração torna-se mais ampla e profunda, os pulmões se esvaziam e o rosto recupera a palidez inicial, e por que ele faz este esforço? Por que? Por que? Porque ele quer falar: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.”

O visitante solta uma gargalhada.

Clovis ignora o riso do visitante e continua.

— Em seguida o corpo começa afrouxar-se novamente e a asfixia recomeça. E ele faz mais seis vezes este esforço, pois ele ainda diz mais seis frases naquela cruz. Porém, agora vem o pior, Atraídas pelo calor e pelo sangue coagulado, enxames de moscas zunem ao redor do seu corpo, mas ele não pode enxotá-las. Pouco depois o céu escurece, o sol se esconde e de repente a temperatura diminui. Logo serão três da tarde, depois de uma tortura que dura três horas intermináveis, nada de ser rápida como a minha narração, naquele dia tudo acontece lentamente. Mas apesar de tudo, de todas as suas dores, a sede, as câibras, a asfixia, o latejar dos nervos ele faz o último esforço e diz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” E morre.

O visitante dá outra gargalhada.

— Você devia ganhar um prêmio de medicina. Realmente você narrou tudo exatamente como aconteceu.

Clovis não está rindo.

— Até hoje, até agora pouco eu não sabia porque ele havia feito isso. — começou novamente Clovis — sinceramente eu pensava que ele era uma pessoa que havia feito coisas erradas e que merecia ter morrido na cruz, mas como eu disse, você deixou escapar algo que me fez compreender o real sentido de tudo isso.

Vinte3

— O que eu deixei escapar? – perguntou o visitante.

— O que? Você me fez compreender que se Jesus não tivesse ido para aquela cruz, eu é quem teria de ir!

O visitante ficou sério.

Vinte4

— Até a momentos – continuou Clovis — eu imaginava que isso não passava de fanatismo religioso, mas agora eu compreendo que não. É real. Jesus veio ao mundo para pregar o evangelho da salvação de Deus. Ele veio ao mundo para trazer a luz, mas você, você teve que inventar um jeito de acabar com ele, não é verdade? “Estamos numa guerra” você disse. Sim, e que tática melhor de guerra não seria se não fosse matar o general inimigo. Uma vez morto o general inimigo o exército se dispersa, não é mesmo.

O visitante continuava sério.

— Então – continuou ele — você fez isso. Conseguiu um jeito de matar Jesus, mas como você foi tolo. Achou que o filho de Deus não teria poder sobre a vida e a morte? Achou que ele não venceria a própria morte?

Vinte5

— E ele morreu. Desceu à “mansão dos mortos” foi até o seio de Abraão e resgatou todos aqueles que haviam morrido antes de sua vinda, não é? E muito mais do que isso, ele desceu até o inferno e exigiu que você lhe desse a chave da morte e do inferno também, não é? E ainda mais, para completar, no terceiro dia ele ressuscitou!

— É mentira! – gritou o visitante.

— Mentira? Lembra o que você disse? “pura e imaculada”! O que é mentira? A Bíblia é mentira!

— É tudo mentira!

— Não, não é mentira não. Você me deu a peça que faltava no quebra cabeças, agora que ele está todo montado, sei que não é mentira.

— Mas que peça é esta que você tanto fala afinal?

Clovis sorriu.

— Os Crentes! Esta é a peça que faltava!

Vinte6

O visitante agora estava bravo, com o rosto fechado e com os olhos faiscantes fixos nos olhos de Clovis que continuava calmamente sentado. Ele bateu o cabo da bengala no chão e esta se transformou numa serpente.

Clóvis não ficou impressionado.

A serpente subiu pelo braço do visitante e enrolou-se no seu pescoço.

— Crentes? – perguntou ele. — O que os Crentes lhe diz de tão especial para você julgar ter chegado a esta sua conclusão insignificante?

— Você ainda não descobriu? – debochou Clóvis — Você não é o “Príncipe deste Mundo”? Acha mesmo que eu iria jogar todo o meu conhecimento para o léu? Acha mesmo que estes livros – apontou para a prateleira — estão aí só para ocupar espaço? Acha que eu não tenho estudado aplicadamente tudo o que posso sobre Jesus?

Clovis enfim se levantou.

— Não vou tomar mais o seu tempo, mesmo porque ele é bem curto e conseqüentemente, precioso. – disse chegando à janela — Vou direto ao fechamento da minha conclusão. Eu poderia ficar falando durante horas sobre como eu formulei ela, mas não é isso que importa agora. Portanto, sem mais delongas, eu vou lhe concluir para, como disse, que não saia daqui com dúvidas.

20e7

— Quando você disse que a única coisa que eu não poderia ser era Crente, eu compreendi que a resposta só poderia estar aí. Não foi difícil chegar ao resto da conclusão. Mesmo porque eu nunca serei Crente mesmo. Mas é claro que tinha que haver um porquê nisso. Então eu voltei no dia em que estava jogando aquelas bolinhas de gudi, compreendi que muito mais do que o Amor carnal existia um Amor diferente com aquele casal, um Amor que eu não via dentro da minha casa, mas agora eu compreendo que “o que Deus uniu, jamais separa o homem”. Era esta a resposta, Deus realmente tinha poder, e maior do que o seu poder, acredite, era o seu Amor. Quando eu vi aquele passarinho protegendo seus filhotes da chuva, eu compreendi que Deus faz exatamente isso com os seus filhos. Deus não deixa os seus filhos sozinhos, ele nunca vai deixar de lhes dar provações, mas ele sempre irá os livrar nas provações! Ele sempre faz isso! Então, eu compreendi que os Crentes, realmente são os filhos de Deus. Mas não porque são “Crentes” e levam este título, mas sim porque antes de serem crentes eles são Cristãos! Eles acreditam em Jesus e dependem dele para tudo! Ora se eles dependem de Jesus e se eles são “a pedra no seu sapato” então eles são contra você e se bem entendo, você é o mau e Deus é o bem, e se eles estão do lado do bem, é claro que irão vencer. E eu, quero também estar do lado de quem vai vencer. Eu quero estar do lado de Deus, mas não como um simples “crente” mas como um verdadeiro Cristão.

— Pura bobagem! – debochou o visitante.

— Não. Não é bobagem, mas sim uma opção que o meu livre arbítrio me permite escolher!

— Você prefere isso a ficar comigo? Esqueceu quem é o príncipe deste mundo?

— Não, não esqueci não. Sei que você é o príncipe deste mundo, mas este mundo está cada dia mais se corrompendo e cada dia mais caminhando para a destruição, porém o reino de Deus está cada dia mais chegando para aqueles que crêem e confiam em suas promessas.

— É isso que você quer? Acreditar nesta bobagem a estar comigo?

— Não, mas eu quero ser “quente” e não morno. Nem tão pouco frio.

— Tudo bobagem! Se você optar por estar com ele, sua vida vai ser cheia de sofrimentos e eu vou fazer questão de conferir dia a dia como seu algoz!

— Não será necessário. Jesus vai ser meu escudo!

O visitante começou a respirar mais apressadamente. Clovis ficou olhando nos olhos dele. Aos poucos o corpo do visitante começou a ficar mais

forte, mas alto, Clovis pode ver que estava ocorrendo uma mudança com ele. As mãos se transformaram em mãos peludas. Os braços ficaram fortes. Dois chifres surgiram na testa do visitante e ele se transformou numa criatura grande e horrenda. Duas asas surgiram em suas costas e Clovis pode ver que ele possuía cascos ao invés de pés. A criatura mais assustadora que Clovis já viu estava ali diante dele. Os olhos já não possuíam órbitas e eram amarelos. Suas narinas exalavam fumaça.

Clovis começou a ficar assustado. Seu coração começou a bater em alta velocidade.

— Por que está com medo? – perguntou a criatura. — Por acaso pode se livrar do fim que o espera? Achas que eu sou piedoso e vou deixá-lo viver?

Clovis estava prestes a gritar.

— Ninguém que me desafie pode viver!

Clovis gritou, mas som algum saiu de sua garganta.

A criatura riu.

— Eu sou o Príncipe deste Mundo! Eu posso tudo! Eu governo os céus e os ventos, os mares e o tempo! Eu sou maior do que tudo o que existe no mundo! Eu posso qualquer coisa!

A Criatura ergueu os braços para atacar Clovis, mas como um estalo, Clovis ajoelhou no chão.

A criatura sorriu.

— Vai me adorar agora que está preste a morrer?

Clovis fechou os olhos e falou:

— Ainda que você tire a minha vida, eu jamais adorarei você! Você jamais poderá tocar em minha alma! Pois a partir deste momento, ela pertence ao Senhor Jesus!

A criatura fechou a cara e com toda a cólera investiu sobre Clovis.

Um clarão tomou todo o escritório e um som de trovão ensurdecedor pode ser ouvido.



Vinte8

Clovis ouviu o som do trovão e viu a luz do escritório oscilar.

Levantou de um solavanco.

Seu coração batia em alta velocidade. Olhou para todos os lados do escritório e não viu sinal da criatura nem tão pouco de ninguém mais. Estava sozinho.

Colocou a mão na testa e esta estava molhada de suor. Olhou para o relógio e este marcava meia-noite e meia. Caminhou até a janela. A chuva ainda caía lá fora.

Olhou novamente para sua escrivaninha e ela estava do mesmo jeito que ele havia deixado. Então compreendeu que havia dormido ali e havia sonhado com tudo o que tinha acontecido.

Tudo era um sonho. Não havia visitante e não havia criatura. Foi tudo imaginação. Um pesadelo.

Olhou para a árvore, e, lá estava o passarinho protegendo o seu ninho.

Por um segundo ele lembrou-se do que havia dito quando a criatura ia atacá-lo, então olhou para o céu e fez a primeira oração de sua vida:

— Senhor, tudo o que eu disse é verdade, a partir deste dia, tens o domínio sobre minha vida eu entrego a minha vida nas tuas mãos Senhor Jesus e te peço que venha governar a minha vida. Eu reconheço que só tu és Senhor e somente você tem o poder sobre minha vida. Venha fazer morada em minha casa que as portas estão abertas para você. Enquanto eu viver eu irei te louvar e te adorar.

Vinte9ve

A chuva continuou durante toda à noite. Clovis apagou a luz do escritório e mais calmo agora, caminhou até sua cama. Bethy já estava dormindo e apenas resmungou quando ele entrou debaixo do cobertor. Ela estava quente e ele se aconchegou mais perto dela para ficar aquecido também.

Na manhã seguinte ele iria escrever um novo artigo no jornal. Mas não o artigo que sempre escrevia, naquela manhã ele iria escrever um artigo diferente. Iria relatar tudo o que estava sentindo em seu coração, desde quando estava sozinho no escritório até quando teve o sonho. Ele jamais iria esquecer aquele sonho. E jamais esqueceu enquanto viveu.

Fechou os olhos. Não demorou muito para dormir. Depois de tantos anos de estudos, tantos anos de busca, tantos anos de perguntas e tanto tempo de caminhada, finalmente ele sentia uma paz invadir seu coração de uma forma tão gostosa que ele sentia-se como se realmente estivesse dormindo nos braços de Deus.

É, realmente ele nunca mais esqueceu aquele dia.

Trin30a

Pode alguém ainda duvidar da existência de Deus? Alguém ainda insiste em dizer que Jesus não é Senhor? Esta noite eu compreendi que tudo o que estudei sobre filosofia ou sobre religião não eram tão importantes quanto ao Amor que Deus tem com os seus filhos. Gostaria de pedir permissão a você, caro leitor, pois hoje não vou escrever sobre política ou sobre alguma crônica filosófica, mas quero falar sobre uma pessoa que está sempre buscando viver conosco. Quantas vezes nós lembramos do maravilhoso feito de Jesus por nós. Não apenas com a sua morte, mas sim que através dela nós pudemos ter vida. E vida em abundância. Você sabe o que é vida em abundância? Viver em abundância é viver adorando e compreendendo que Jesus está presente em nossa vida. Isso é vida em abundância. Não apenas como um homem pregado em uma cruz, mas sim como um amigo que nos ajuda a chegar mais perto de Deus. Sei que todas as pessoas possuem muitas coisas para questionar a respeito do que Deus. Mas esta noite que passou eu consegui finalmente montar um quebra-cabeça que desde os sete anos existia em minha vida. Sempre pensei que o Amor fosse apenas um sentimento e nada mais, mas o Amor é, além de um sentimento, um grande motivo para dobrarmos os nossos joelhos e reconhecermos o papel de Deus em nossa vida. Sim, o papel de Deus em nossa vida. Este mundo tem muitas coisas a nos oferecer. Tantas que às vezes até nos parecem tentadoras, mas Deus tem a nos oferecer muito mais do que este mundo. Deus nos tem para oferecer a vida eterna. Através do seu filho Jesus, nós podemos chegar diante dele e como filhos também, clamar a sua misericórdia. Não apenas para pedirmos algo, mas para agradecermos tudo o que ele fez com Amor, por nós. Gostaria, de lhe dizer, caro leitor, que mesmo que as coisas pareçam complicadas e difíceis, Deus está olhando para você e ele quer que você reconheça a sua grandeza. Ele quer que você deposite nele toda a sua fé e confiança, pois ele é quem vai resolver a sua situação, não importa o quão difícil ela esteja. Com este pequeno artigo que hoje lhes escrevo, gostaria que você parasse um pouco a sua vida cotidiana, complicada e apressada, e, pensasse um pouco em tudo o que Deus fez para você. Garanto que você irá compreender o que eu estou escrevendo e irá se achegar mais próximo dele assim como eu cheguei esta noite. Hoje, através deste artigo, esta é a minha oração e os meus sinceros desejos para a sua vida e para toda a sua família.

Prof. Clovis Rochaeneck *

(*) Artigo editado e publicado oficialmente no Jornal *A Notícia da Capital* em 10 de julho de 1974, posteriormente publicado nos jornais: *O Diário Oficial*, *Le Monde Diplomatique*, *Diário da Manhã*, *Express Journal*, *Jornal Universitário*, *O Dia*, *The World Journal*, *The New York Times*, *La Comunità*, *Die Zeitung des Gebietes*, *Le Matin*, *West Post Journal*, e, *O Regional*. Todas estas publicações ocorreram entre os dias 10 e 13 de Julho de 1974.

Prólogo

Professor Clovis Rochaeneck faleceu em 1999 aos 87 anos em sua casa de campo na cidade de Lanstern, de parada cardíó-respiratória, enquanto dormia. Sua esposa Bethy já era falecida há dois anos. A casa de campo hoje é o Museu Rochaeneck e abriga os objetos de uso pessoais do Professor Clovis. O Museu é freqüentemente visitado por estudantes universitários e historiadores do mundo todo. Em sua homenagem e também devido a sua contribuição para humanidade, a antiga Praça da Libertade foi reformada e agora renomeada como Praça Clovis Rochaeneck na mesma cidade de Lanstern. Durante sua vida literária o Professor Clovis escreveu seis livros intitulados: “Ensaio sobre o Mundo” em 1963, “Filosofia e Razão – Verdades sobre o Ser Humano e sua Razão de Existir” em 1963, “O Eu” em 1970, que lhe concedeu o prêmio “Human Philosophy” na conferência de Walterburg Ruwny em Boston, “Compreensão Gótica” em 1973, “Para Conhecer Deus – Tomo I e II” em 1975 e “Diante do Mestre” em 1980, sendo que este lhe rendeu o prêmio “Homens de Fé” em 1985 no Théâtre Culturel de Paris. Ocasão esta em que presente, o Professor Clovis proferiu um discurso a 800 pessoas, e, que postumamente este discurso foi transformado no livro: “L'Homme Qui Va Avant Moi” (O Homem Que Vai Diante de Mim) em 2002. Entre os anos de 1947 até 1981 escreveu diariamente para os jornais *A Notícia da Capital*, *O Diário Oficial* e *Le Monde Diplomatique* e teve seus escritos diários traduzidos em várias línguas e publicados também em outros jornais de âmbito mundial. Todos os direitos autorais por publicação e edição dos documentos escritos pelo Professor Clovis são destinados aos filhos e aos netos. Uma parcela equivalente a 5% desta renda é destinada à universidade onde ele lecionou durante os anos de 1961 a 1979 para estudos teológicos e científicos. Em 1988 o Professor Clovis foi condecorado como “Cidadão de Honra” pelo Governo Alemão e esta condecoração foi estendida também pelo Governo Polonês e Francês. Desde 1974 ele se dedicou à pregação e divulgação do evangelho de Jesus Cristo através de seus escritos e também através da formação de grupos de estudantes da Bíblia, chamados posteriormente como “Discipulados”. Estes grupos hoje estão pelo Ocidente e Oriente e continuam levando os ensinamentos do Professor Clovis a todos os povos e nações. Seus restos mortais hoje repousam no Cemitério Municipal de Lanstern se sobre sua lápide está escrito um pequeno texto que o Professor Clovis sempre declamava em seus discursos:

“Lembre-se sempre que, para o Sapo no fundo da fonte, o céu tem o tamanho da boca do poço. Não acredite apenas no que você conhece sobre Deus. Busque-o a cada dia, a cada instante e você irá compreender o tamanho da sua grandeza, mais do que isso, você irá compreender o tamanho do Amor dele por você e irá reconhecer que precisa dele para viver.”

Clovis Rochaeneck (+1912 -1999)

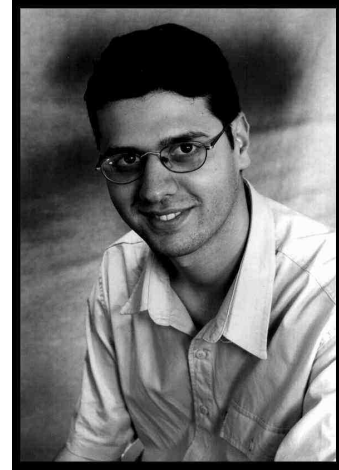
FIM

Este livro é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com a realidade seja em fatos,
datas ou imagens são meras coincidências.

Crédito pelos desenhos:
Ulisses Gabriel Tardivo Pedrozo

Sobre o Autor:

Rogério Cericatto nasceu em Assis Chateaubriand, no estado do Paraná no dia 26 de Junho de 1979. Filho de um Técnico Agrícola e uma Dona de Casa, trabalhou como Oficce Boy e Auxiliar de Escritório até o ano de 1997. Ano este que devido a dificuldades financeiras mudou-se para Curitiba, capital do mesmo estado e vindo a conhecer o evangelho de Jesus Cristo e sua Glória. Se convertendo também neste ano, tornou-se membro da Igreja Batista do Jardim Esmeralda. Prometendo contribuir para a obra de Deus, ingressou no grupo de Teatro, onde escreveu e atuou as peças teatrais: "A Lesma e a Joaquina - Comédia Natal", "Meu Pai, meu amigo.", "O Ser Mãe", "Jovens Revestidos de Poder", "Incrédulos", "Marta e Maria" e "Cárceres do dia-a-dia" entre outras. Atualmente é formado em Administração de Empresas no Centro Universitário Positivo (UNICENP) e trabalha como Comprador em uma Multinacional. Iniciou sua carreira como escritor no ano de 2002 com o livro: "O CRENTE" e desde então tem recebido bastantes elogios sobre o seu trabalho como escritor. Já escreveu cinco livros de cunho evangélico, que são eles:



**O CRENTE
A IGREJA
O PASTOR
CORAÇÃO ABANDONADO
O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS**

O livro “**O VISITANTE DO PROFESSOR CLOVIS**” é o seu sexto livro. Todos eles são de domínio público e podem ser copiados gratuitamente desde que sejam mantidos dentro de sua forma original bem como a referencia e o nome do autor.

Os livros podem ser copiados gratuitamente através dos seguintes endereços:

www.letrassantas.hpg.com.br
www.seriadespertar.hpg.com.br
www.seriadespertar.hpg.com.br/catedral.html

O autor gostaria de saber sua opinião sobre este livro, bem como sobre os outros que estão disponíveis também, por favor, mande suas críticas, sugestões ou comentários para os seguintes endereços:

rogerio_cericatto@hotmail.com
ou
rogerio.cericatto@bol.com.br

Alguns comentários sobre os Livros:

“Nós estamos utilizando este livro para EBD dos Adolescentes e dos Jovens aqui da Igreja. Foi eles mesmos que sugeriram isso.”

Pr. Jairo p. Mello – (sobre o livro O CRENTE)

“Rogério Cericatto abordou um tema muito sério e que muitas igrejas ignoram, de uma forma clara e objetiva. Parabéns pelo livro O CRENTE.”

Fernanda Gomes Arruda

“...li O CRENTE e procuro, a partir de agora, utilizar basicamente tudo o que aprendi. Acho que é um alerta para aqueles que se encontram adormecidos.”

Rômulo G.

“Li o livro e achei muito edificante. Parabéns pela obra. Que mais pessoas possam ter acesso a ela.”

Jorge Carvalho. – (sobre o livro O CRENTE)

“Agradeço por fazer parte da lista de irmãos amigos presenteados com esta publicação, com certeza será de grande valia.”

Alci – (sobre o livro O CRENTE)

“...finalmente alguém escreveu algo sem interesses pessoais, mas levando as igrejas a visão que todo o cristão deve ter.”

Bruno Ipiranga Calegatti – (sobre o livro O CRENTE)

“A minha esperança é que mais pessoas possam ter acesso a este livro, assim ninguém irá dizer que não estava sabendo. Eis que o machado está posto ao pé da árvore!”

Leonardo Oliveira Santos – (sobre o livro O CRENTE)

“...e o mais interessante é que alguns jovens vieram me perguntar coisas que eles haviam lido no livro O CRENTE, até então eu ainda não havia lido, mas quando li, entendi claramente porque nossa igreja não estava fazendo missões e compreendi o que eles queriam saber.”

Pr. Antonio do Carmo

“Parabéns por esta grande obra! Deus te abençoe! O CRENTE é um exemplo que precisa ser seguido!”

Ana Carla Farias – MG

“Nada que façamos em nome do Senhor é em vão. Parabéns pelo O CRENTE!”

Victo Bueno

“Gostei muito do que li, pude observar que esta leitura tem endereço certo: Adolescentes, Jovens e porque não dizer para Adultos? Pois eu tirei muitos aspectos positivos concernentes com o querer de Deus e sua vontade.”

Carivaldo Felix de Oliveira Junior – (sobre o livro O CRENTE)

“Agradeço por ter recebido e seu livro via e-mail e dizer que gostei muito, pois esta história mostra realmente o papel e o dever de um Servo de Deus perante a sociedade.”

rog.torres@ig.com.br - (sobre o livro O CRENTE)

“Acabei de ler O CRENTE e ele é fantástico!!! ...Preciso passar essa experiência para os Jovens da minha igreja!”

Rosana dos Santos Soares

“Foi um presente de Deus ter recebido este livro! Amei lê-lo. Minha filha de 12 anos também quer ler. É uma lição de vida e fé para todas as idades.”

Kátia – EUA – (sobre o livro O CRENTE)

“Obrigado pelo livro, que Deus o abençoe em seu ministério e esteja sempre lembrando de nós em seus novos trabalhos literários e suas orações.”

Angelo Junior – (sobre o livro A IGREJA)

“Li seu livro A IGREJA. Gostei do tema e o enfoque dado ao problema de igrejas despreparadas para expulsar demônios. Assunto muito sério, mas eu realmente fiquei entusiasmada com o personagem Wellington do seu livro O CRENTE. Achei seu primeiro livro fantástico! Irmão, continue neste ministério de escrever livros que orientam jovens, no caminho certo que leva à salvação. Sinto-me realmente privilegiada por ter recebido estes livros de conteúdo edificante.”

Ana Tereza da Silva

“Meu nome é Vanessa, tenho 20 anos e sou de Salvador. Li o seu livro O CRENTE e me emocionei muito, vi na imagem de Welington o meu reflexo.”

Vanessa

“Gostaria de dizer que gostei muito do seu livro O CRENTE. É um livro realista que muito fala sobre o que acontece hoje com os jovens dentro da casa de Deus, e que muitos jovens ainda se dividem em relação a Deus e ao mundo lá fora que tem muitas coisas para oferecer para os jovens, mas que só levam para a morte e o inferno! Seu livro falou em meu coração.

Que Deus te abençoe muito e te dê muitas oportunidades para você escrever muitos e muitos livros para a conversão e edificação de muitos jovens!”

Kamila Yonara Yabiku

“Fico agradecido por você ter me dado o prazer de ler um livro de boa qualidade como este! Quanto à minha opinião, acho grande, muita coragem de sua parte escrever um livro falando sobre a realidade nas igrejas, a maioria vive de ilusões e não querem enxergar o que realmente acontece com suas congregações, a falta de compromisso e visão da vontade de Deus.”

Jadson Christian de Oliveira – (sobre o livro A IGREJA)

“Acabei de ler o livro O CRENTE. É uma história ou ficção envolvente, gostosa de ler, não contive lágrimas porque é o retrato falado da minha pessoa que embora conhecendo o poder de Deus e sabendo que devemos pregar o Evangelho de Jesus Cristo com convicção, não estou realizando isso, encontro tempo para tudo, menos para os labores que envolve o Reino de Deus. Este livro falou profundamente em meu coração; sou evangelista mas só o título, a obra mesmo não estou realizando.”

João F.C. – Goiânia

“Li o seu livro. Está maravilhoso, a estória é belíssima, me edificou bastante. Que Deus possa te iluminar mais e mais para que o seu trabalho dê frutos que permaneçam.”

Andressa – (sobre o livro O PASTOR)

“Eu li O CRENTE e acabo de ler A IGREJA, só tenho a dizer que estes dois livros foram muito úteis para mim. Deus abençoe você muito! Nós precisamos de pessoas com esta iniciativa para divulgação e exortação da igreja.”

Exequiel Moraes – RS

“O livro A IGREJA é tão importante quanto O CRENTE. As vezes os finais não são felizes, por isso as igrejas precisam mudar os finais.”

Oswaldo – Itajaí – SC

“A verdade mostrada em A IGREJA além de ser um alerta é mais uma barreira que a igreja tradicional precisa quebrar para o fluir do Espírito Santo. Rogério, novamente agradeço a Deus por este livro e estou aguardando ansiosamente o terceiro livro da série.”

Carla Auchewski

“As igrejas estão divididas em: Antes de A IGREJA e depois de A IGREJA. Com certeza depois desta leitura muitas irão parar para pensar no seu papel diante dos homens.”

Marcos Antero Critella – DF

“Gostaria de te agradecer pelo livro. As vezes eu sou bebê na fé. Sei que foi uma exortação de Deus para mim e para muitas pessoas.”

Daniel Peterson – (sobre o livro A IGREJA)

“Aprender o querer de Deus desta forma é muito bom! Obrigado por ter enviado o livro A IGREJA.”

Kleber “KIKO”

“Caro irmão, não imaginas o quanto fiquei feliz em receber seu e-mail, terei o maior prazer ainda em ler mais uma das suas obras. Que Deus continue lhe abençoando.”

Telma – (sobre o livro A IGREJA)

“Já li seu livro e sinceramente só existe uma palavra para defini-lo: Fantástico !!! Foi maravilhoso conhecer o Pastor Fernando e a grande transformação em sua vida. Houve momentos que realmente me emocionei com esse livro. Todo o relato nos faz refletir sobre nossas atitudes como cristãos. Será que não estamos acomodados? Olhamos para aqueles irmãos que erram e os julgamos?”

Ana Tereza da Silva Costa Alves – (Sobre o livro O PASTOR)

“Quero parabenizá-lo pelo seu livro. Creio que ele é o melhor de todos e olha que agora é que passei pela metade, hem? Tenho certeza que ele irá abençoar a vida de quem lê-lo.”

Naassom André Souza – (sobre o livro O PASTOR)

“Fui abençoado pela leitura do e-book. Louvo a Deus por sua vida e seu talento dedicado ao Mestre... seu livro lido hoje por mim renovou minha paixão pelo ministério pastoral, que vem a ser o cuidado pelas vidas.”

Pr. Ezequias – Angra dos Reis – RJ (sobre o livro O PASTOR)

“Acabo de ler o livro O PASTOR. Leitura gostosa, envolvente, excelente! Uma obra de ficção que retrata muitos casos reais. As igrejas de hoje estão vivendo esse panorama. Quando alguém se propõe ser mais autêntico, as vezes é barrado e taxado como crenção, fanático. Parabéns!”

João Ferreira da Costa

“Sou do ministério de louvor da minha igreja, e gostaria de lhe dizer que aprendi muito com o livro CORAÇÃO ABANDONADO, apesar de achar que este livro é mais dirigido para não-cristãos. Parabéns, aprendi muito sobre a responsabilidade que tenho diante do trono de Deus. Abraços.”

Roberta Viera

“...sinceramente não esperava um final como aquele, você realmente nos surpreendeu novamente com O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS. É realmente um belíssimo livro, cheio de amor e de fé. Que Deus continue te abençoando muito.”

Vicente B. De Almeida – SP

“O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS foi o primeiro livro que eu li inteiramente pelo computador. Nossa, o livro é lindo! Muito amor, muito amor! Confiar nas promessas de Deus e acreditar que ele irá honrar nossa vida é maravilhoso!”

Erika A. M. M. – Paraná.

"Vejo hoje que existem muito poucas pessoas interessadas em edificar este ministério. Vejo isso por mim mesmo, não tenho nenhuma preparação no entanto sou ministro de louvor da minha igreja. Hoje eu sei que uma mesma fonte não pode jorrar água doce e salgada. O Seu livro veio apenas para confirmar o que eu estava pensando sobre louvor e origem das letras e melodias. Não basta apenas cantarmos uma música simplesmente por acharmos as letras bonitas, temos que analisar o que estamos cantando para não cairmos nas garras do inimigo e sermos usados inconscientemente. Adorei poder dar meu comentário sobre seu livro. Continue escrevendo estas pérolas para nossa edificação."

João Renato - Corbélia - Pr (sobre o livro - CORAÇÃO ABANDONADO)

"Um clássico! Só posso dizer isso. Leitura Obrigatória para todos os que buscam respostas."

Clebson V. Moraes (sobre o livro - O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS)

"O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS é um livro para toda a família. Além de sofrermos e aprendermos com Carlos, aprendemos uma valiosa lição de amor e amor em família."

Ana Lúcia Ribeiro - São Paulo

"...gostaria que soubesse que minha vida foi muito edificada através do seu livro. Que você continue nos caminhos de Deus e continue a escrever."

Karin (sobre o livro - O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS)

"É interessante esta metáfora que você usa no livro O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS. Vemos que o amor de Deus pela Igreja é como o amor de Raquel por Carlos. Deus nunca deixa de amar-nos e espera ansiosamente que voltemos para ele. E na hora dele, no momento certo ele nos mostra que caminho seguir. Deus verdadeiramente cumpre suas profecias e faz sua obra por completo. Cabe-nos, fazer como Raquel. Crer nas promessas do Senhor e não enveredar nossos corações, nem para a direita, nem para a esquerda. Parabéns por este lindo livro sobre o amor."

Pr. Giuliano Zanchini - Fortaleza.